

As Escadas não têm Degraus

GUSTAVE FLAUBERT MARIA JORGE VILAR DE
FIGUEIREDO MARIA DE FÁTIMA BORGES GIL DE
CARVALHO JOSÉ PEDRO PENHA SÉRGIO COIMBRA
HELENA BARBAS PAULO TEIXEIRA NUNO VIDAL
ANTÓNIO CERVEIRA PINTO JOSÉ DINIS FIDALGO
JOÃO MIGUEL FERNANDES JORGE JOSÉ ANTÓNIO
ALMEIDA FERNANDO PINTO DO AMARAL MARIA
LEONOR TELLES ANTÓNIO M. FEIJÓ DICK DAVIS
JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES FEVEREIRO DE 1990



Helena Barbas

Tema e Estratégia nas Profecias do Bandarra

Da autoria de Gonçalo Eanes, o sapateiro de Trancoso — falecido em 1545, ou 1556 — as *Trovas do Bandarra* só aparecem explicitamente denominadas como profecias nas edições do século XIX. De acordo neste ponto, os estudiosos do sebastianismo consideram que a versão inicial se perdeu, tendo sobrevivido edições mais ou menos correctas e gradualmente transformadas, sendo a mais famosa a de D. João de Castro (1603). O carácter profético e messiânico das trovas originais é, todavia, suscitado pelo processo inquisitorial a que Bandarra terá sido submetido em 1545. A sentença reza o réu: «...ser amigo de novidades e com elas causar alvoroço em Christãos Novos, escrevendo trovas que por falta de declaração se entendiam em outra maneira...» (Azevedo: 1984; 128). Ilibado da acusação de judaísmo, o sapateiro é, no entanto, obrigado a comprometer-se a não mais «...escrever sobre a sagrada escritura, nem fazer profecias, nem possuir outros livros além do *Flos Sanctorum* e o *Evangeliorum*, sob pena de castigo posterior» (Pires: 1982; 67). Apesar de tido como analfabeto, é-lhe vedado o acesso directo aos livros, em especial o *Antigo Testamento*. Terá sido este a sua principal fonte, remetendo os seus ouvintes/leitores para os livros de *Jeremias*, *Daniel* e *Esdras*, todos eles entendidos como proféticos, messiânicos e relacionados com o «fim dos tempos».

No interior do próprio texto das *Trovas*, a sua pretensão profética é atestada em todas as variantes, seja por referência explícita, seja em função do seu carácter onírico — divisão em «sonhos» e referência ao sonho: v.I,2 (XVII); III, 1, 2 (CIX, CX), por exemplo. No entanto, duas questões se colocam, de imediato, face a este texto: primeiro, porquê o uso do termo «trova» para o definir, e logo, qual a sua relação com aquele tipo de profecia; depois, como se justifica a disforia e a ânsia por um salvador num momento em que o trono ainda está preenchido por um rei português (1545), já que D. João III morre apenas em 1557.

1. *A herança medieval*

Em primeiro lugar, o termo «trova» aponta para um período e estética específicos, os da poesia trovadoresca. Trovar é a arte de «encontrar»: «A arte do trovar é uma arte de descoberta, de invenção: os trovadores são os que encontram, inventam, imaginam o canto, nos seus diferentes aspectos, que cobrem tanto a criação formal, a combinação da 'canso', quanto a poesia, a música e a escolha das palavras e argumentos do amor» (Roubaud: 1971; 38). No entanto, esta arte está ligada a um trabalho que exige energia e paciência, toda a composição resultando, pois, de um labor que pretende a excelência técnica, o que, sem risco, se pode afirmar estar ausente nas versões de Gonçalo Eanes. Porém, o título de *Trovas* permitirá inferir uma radicação no período mencionado, caso se tenha em conta a polémica associada ao «trobar clus». O campo do trovar apresenta-se dividido:

«Inicialmente, o estilo «obscuro» parece destinado a exprimir uma posição minoritária e diver-

gente sobre o amor... parece-nos que a origem do «trobar clus» é, assim, uma posição *ideológica* de inspiração religiosa tendo em vista desviar o canto da inspiração profana e *imoral* que é a sua, para exaltar o *verdadeiro amor* que é o de Deus.» (Ibid; 40).

Recorrendo a um estilo hermético que se dirige para além da massa dos auditores mais próximos — seduzidos pelo enigma ou grosseria — o trovador dirige-se à minoria de «iniciados» que compreende as fontes bíblicas e as dialécticas clericais dissimuladas nos seus versos (ou, segundo Denis de Rougemont, a heresia oculta). A ambiguidade faz então parte do estilo obscuro, que se dirige apenas àqueles que são capazes de destrinçar as suas palavras: «A sua sabedoria vem do fundo dos tempos, a novidade não é nada face à verdade.» (Ibid; 41). O principal representante do «trobar clus», considerado como seu inventor — Marcabru, de origem humilde — não se dedica porém apenas à temática amorosa:

Je vous dirai en mon latin
ce que je vois et ce que je vis
je ne crois pas que le monde dure guère
selon ce que l'écriture dit
maintenant le fils trahit le père
et le père trahit le fils.

(Eu vos direi no meu latim
o que eu vejo e o que eu vivo
eu não creio que o mundo dure muito
segundo a escritura diz
agora o filho trai o pai
e o pai trai o filho)
(Roubaud: 1971; 87)

Este exemplo de crítica social insinua o final dos tempos bíblicos, ou a situação da raça de ferro de Hesíodo, atestados pelo desconcerto do mundo em que se vive, e que se vê. Ainda segundo Roubaud (1971; 41), a poesia de Marcabru não distingue nem denomina as contradições inerentes aos versos de amor, moral e política. Essa diferenciação só virá a ser marcada posteriormente e dela emerge, entre outras formas, o sirventês — a que se poderá acrescentar a cantiga de escárnio e mal-dizer galaico-portuguesa:

Joan Fernández, o mund'e torvado
e, de pran, cuidamos que quer fiir:
veemo-lo Emperador levantado
Contra Roma e tartaros viir,
e ar veemos aqui don a pedir
Joan Fernández, o mouro cruzado

E sempre esto foi profetizado
par dez e cinque sinaes da fin:
seer o mundo assi como e mizcrado
e ar torna-sse o mouro pelegrin.
Joan Fernández, creed'est'a mi (n)
que soo ome (mui) ben letrado.

E se non foss'o Antecristo nado,
non averria esto que aven:
nen fiar(a) o senhor no malado
nen malado e(no) senhor ren
nen ar iria a Ierusalen
Joan Fernández, (se) non bautiçado.
(Torres: 1977; 183)

Esta cantiga de João Soares Coelho, contemporâneo de D. Sancho II e D. Afonso III, comprova a temática

de Marcabru na poesia portuguesa. São ainda exemplo da sua continuidade os sirventêses de Pero Mafaldo, Martim Moxa, Airas Nunes de Santiago, que se vem a prolongar, mais tarde, no topos do «mundo às avessas» de Álvaro de Brito Pestana ou Gil Vicente, entre outros, constituindo ainda o cerne do «desconcerto do mundo» em Camões.

Regressando às «Trovas do Bandarra», verifica-se que o seu prólogo («Sente Bandarra as Maldades do Mundo e Particularmente as de Portugal») se inscreve claramente nesta linha de tradição, assumindo, no entanto, características particulares. Por um lado, e devido à falta de cultura do seu autor (?), desaparece a preocupação com a mestria formal inerente à arte de trobar erudita — embora se mantenham ainda as suas ressonâncias sonoras; por outro, a temática subdivide-se, no campo do desconcerto do mundo, presente no prólogo, e no aspecto mais claramente messiânico dos sonhos, onde a perspectiva religioso-profética, ressalvada pela inspiração própria à poesia e profecia, é levada ao seu extremo. É esta divisão que leva Garrett a atribuir estas trovas ao campo da literatura popular oral (que para aquele autor constitui a «verdadeira» literatura), donde terá resultado a tese de que Bandarra é um autor colectivo.

Mas tanto a temática do desconcerto do mundo quanto a messiânica radicam numa mesma linha de tradição, que tem a sua origem na Antiguidade Clássica, representando, respectivamente, as facetas profana e sagrada do desenvolvimento do mito do Regresso da Idade de Ouro. A primeira versão do mito pertence a Hesíodo (*Os trabalhos e os dias*, vv. 108-202) e vai sendo sucesivamente enriquecida por Platão (*Fédon*, 110d-111c), Ara-

tus (*Phaenomena*), mas principalmente Ovídio (*Metamorfoses*, I, 127-161) e Virgílio (*Eneida*, VI, e *Écloga* IV). Estes últimos autores, associados aos livros bíblicos acima referidos, a St^o. Agostinho (*Cidade de Deus*) e depois a Joaquim de Flora, sustentam essa linha de tradição através da Idade Média, até à *Monarquia* de Dante, servindo de fundamento às teorias e polémicas sobre as renovações imperiais, a que Portugal não fica alheio. Para a versão nacional vão contribuir o milagre de Ourique, as profecias de S. Frei Gil de Santarém e as de Simão Gomes, o «Sapateiro santo», entre outros.

O Sapateiro de Trancoso será, deste modo, o representante de uma corrente de opinião que critica a faceta negativa da política imperial portuguesa, e simultaneamente anseia pela sua restauração em glória, com base no amor agápico. Bandarra é sentenciado em 1545, três anos depois da queda de St^a. Cruz do Cabo de Gué, que «...marca o início da derrocada do Império africano que nunca chegara a existir.» (Saraiva: 1983; 160). Em 1550 é perdida Alcácer-Ceguer. D. João III morre em 1557 deixando como herdeiro o seu neto, de três anos de idade, D. Sebastião. Será a derrota deste rei em Alcácer-Quibir, com a consequente ocupação filipina, que contribui para que as *Trovas* venham a ser impulsionadas, pela pena do Pe. António Vieira, até à dimensão profética que lhes é atribuída.

2. *Estratégias proféticas*

Mas a qualidade profética do Bandarra revela-se como duplamente duvidosa. O grande promotor do sapateiro

de Trancoso— António Vieira — começa por saudá-lo pelo cumprimento das suas predições:

Bandarra foi verdadeiro profeta, pois profetizou e escreveu tantos anos antes tantas cousas, tão exactas, tão miudas e tão particulares que vimos todas cumpridas com nossos olhos.

Se já foram concretizadas, as profecias não mais se referem ao futuro, e logo não faz muito sentido o seu aproveitamento nessa direcção, nem o fundamentar nelas tanto o regresso do «Encoberto» como a justificação do Quinto Império.

Em paralelo, desencadeia-se o problema textual. Porque apócrifo, o *Segundo Corpo*, datado por indicações nas próprias trovas (1626), «diz-se» anterior à Restauração: «dizia-se extraído de cópias que o cardeal D. Nuno da Cunha dera ao provincial dos Eremitas de Santo Agostinho» (Carvalho: 1984;25), sendo o *Terceiro Corpo* ainda mais recente, encontrado em 1729: «escondidas numa parede da capela-mor da Igreja de S. Pedro, em Trancoso.» (Ibid; 25). Este último achado repete um processo idêntico no «recuperar» de outras tantas profecias sobre o mesmo assunto, como, por exemplo, as relatadas em *Conversação Sebástica* (Cód. 627, B.N.L., inédito), uma antologia manuscrita de diversos vaticínios:

Quando um quinto governar
E um primeiro se achar
Então chigarão a ver
Huma mulher a Reinar
(...)

Esta profecia, tão feminista, é apresentada como cópia de um manuscrito encontrado em 9 de Março de 1661, dentro de um baú no convento da Companhia de Évora, «revelando ter mais de cem anos». Uma outra aparece em 21 de Março de 1733, dentro de uma panela de cobre, debaixo de uma pedra de uma ermida em Castro Verde, «de um ermitão que falou a D. Afonso Henriques»:

Eu fui o que a meo ver
Dice ao rei do segundo
Que o Rei de Todo o mundo
lhe queria aparecer

A partir destes processos de achamento das profecias — que se repetem por todo o manuscrito citado, sempre com testemunhas e datados de cem ou mais anos atrás —, pode deduzir-se que correspondem a uma estratégia para dar, não apenas autenticidade, como antiguidade aos vaticínios — que de facto são uma espécie de prolepse fabricada *a posteriori*. Saliente-se que este é o sistema pelo qual se encontraram os momentos mais proféticos das *Trovas do Bandarra*.

Não é novidade o pôr-se em causa a autenticidade das *Trovas*, nem considerá-las como uma «patriótica» falsificação (Bruno: 1983;250), o que é curioso é que, no pulular de profecias e textos messiânicos a que se assiste no período — alguns de bem melhor qualidade literária — se tenha optado por este grupo de poemas para exaltar a versão portuguesa do mito medieval do Império e do regresso do Rei do Mundo. A interpretação das *Trovas do Bandarra* fará, pois, mais sentido relativamente a um passado literário do que a um futuro histórico-político e/ou religioso.

AZEVEDO, J. Lúcio de

1984 *A Evolução do Sebastianismo*, Presença, Lisboa

(BRUNO), J. P. de Sampaio

1983 *O Encoberto*, Lello & Irmão, Porto

BUESCU, M.^a Leonor C. (ed.)

1982 *António Vieira — História do Futuro*, I.N.- Casa da Moeda, Lisboa

CARVALHO, António Carlos (apr.)

1984 *Profecias do Bandarra*, Vega, Lisboa

PIRES, António Machado

1982 *D. Sebastião e o Encoberto*, F. C. Gulbenkian, Lisboa

ROUBAUD, Jacques

1971 *Les Troubadours — Anth. Bilingue*, Seghers, Paris

SARAIVA, José Hermano

1983 *História concisa de Portugal*, Europa-América, Lisboa

TORRES, Alexandre Pinheiro (org.)

1977 *Antologia da Poesia Trovadoresca Galego-Portuguesa*, Lello & Irmão, Porto